

**NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA POÇO
DANTAS EM INAJÁ - PE
E MATA GRANDE – AL**

1



**NOVA CARTOGRAFIA DOS
POVOS E COMUNIDADES
TRADICIONAIS DO BRASIL
PROJETO QUILOMBOS**

**Projeto Nova Cartografia Social de Povos
e Comunidades Tradicionais do Brasil**



NOVA CARTOGRAFIA DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DO BRASIL PROJETO QUILOMBOS

Fascículo 1 / Ano 2025

Projeto Nova Cartografia Social de Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Equipe de Pesquisa:

Alzeni de Freitas Tomáz
André Luis O. P. de Souza
Bianca Mirelly Araújo Silva
Bruno Manoel Lima
Carla Daniela de Barros
Daniela dos Santos Barbosa
Dheymison Kayky Alves Nascimento
Diostenys Santos Silva
Francisca Maria Teixeira Vasconcelos
João Paulo dos Santos Diogo
Juracy Marques
Luiz Gustavo Nóia Araújo
Marcelo Neves Santos
Maria Ângela Nascimento dos Santos
Paloma Quixabeira do Nascimento
Paola Odônile De Mari Rocha
Wesley Maxwell da Silva Damasceno

Fotografia:

Bruno Lima
Carla Barros
Paloma Quixabeira
Marcelo Neves

Diagramação:

Gilmar dos Santos Rodrigues

Ficha Catalográfica:

Editora SABEH



**Figura 2: Oficina de Cartografia do Quilombo
Poço Dantas (Foto: Bruno Lima, 2025)**

Participantes da Oficina:

Antônia Maria do Nascimento / 73 anos
Antônia Maria dos Santos / 75 anos
Cristiane Quiteria de Brito (Preta) / 33 anos
Edna Ferreira de Lima / 50 anos
Erivaldo João do Nascimento (Eri) 30 anos
Eva Maria das Santos / 68 anos
Gabriela Maria de Brito / 21 anos
Isael Sérgio de Brito / 16 anos
José Vinicius Pedro Ramos de Souza / 34 anos
Magna Cristina do Nascimento Silva / 22 anos
Luzia Maria de Brito / 13 anos
Manoel Antônio de Souza / 90 anos
Maria Antônia Dos Santos / Piabinha Quilombola / 51 anos
Maria Aparecida Paulo de Souza / 52 anos
Maria Clara das Santos Araújo / 22 anos
Maria Eduarda Lacerda / 13 anos
Maria José de Brito / 68 anos
Maria Lara Souza Silva / 13 anos
Marina Maria de Sousa / Baína Ferreira / 55 anos
Marinalva Ferreira de Souza Silva / Nalvinha . / 49 anos
Marines Maria do Nascimento / 57 anos
Paulo Sérgio de Brito / 24 Anos
Pedro Ramos de Souza / 55 anos
Quiteria da Silva Barboza / 50 anos
Raimundo José de Santana / 35 anos
Sabjira Dantas de Lima / 14 anos
Sebastião Raimundo dos Santos Pereira / 58 anos
Sérgio José de Brito - 64 anos
Vinicius Domingos / 23 anos
Magna Cristina Nascimento Silva - 21 anos
Maria Madalena de Brito - 27 anos
Cícero Erinaldo de Araújo - 27 anos

Ficha catalográfica elaborada por Maria de Fatima Santos de Lima

Bibliotecária-Documentalista

CRB – 5/ 1801

N935 Nova cartografia social da comunidade quilombola Poço Dantas em Inajá – PE e Mata Grande - AL.
[recurso eletrônico]. / Alzeni de Freitas Tomáz... [et. al.]. - Paulo Afonso, BA: Sociedade Brasileira de
Ecologia Humana - SABEH, 2025. (Nova Cartografia dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil,
Projeto Quilombos; 1)

1 arquivo .pdf (25 p.) : il. color. (Fascículo 1 / Projeto Quilombos).

ISBN: 978-65-5732-096-9

Disponível em: <https://www.sabeh.org.br/livros/>

1. Cartografia social. 2. Quilombo Poço Dantas (Inajá, PE). 3. Quilombo Mata Grande – AL. 4.
Comunidades tradicionais - Identidade. 5. Conflitos territoriais. I. Tomáz, Alzeni de Freitas. II. Sociedade
Brasileira de Ecologia Humana. III. Título.

CDU: 316:323.12(813.1)



Figura 3: Oficina de Cartografia (Arquivo SABEH, 2025)



NOSSA HISTÓRIA VEM DE ANGOLA



Figura 4: Anciões da Comunidade Quilombola Dona Antônia (Piaba) e Sérgio (foto: Marcelo Neves, 2025)

A história começou assim, numa mesa de bar. Um grupo de pessoas chegou na cidade procurando gente da família Brito. Eu ouvi a conversa, mas não me identifiquei, só escutei o que estavam dizendo. Cheguei em casa e contei pra minha mãe: “Ó, Tiago, tem um povo aí procurando gente da família Brito. Eu disse que já ouvi falar, mas não falei que conhecia. Falei que a senhora podia apresentar eles.” Minha mãe é delicada, não é ignorante, não.

Ela perguntou o que era, o que estavam querendo. Mesmo sem saber direito, resolveu falar com eles. Eles disseram que Bernadete Lopes, historiadora e advogada, estava fazendo um levantamento histórico. Tinha um deputado procurando descendentes da família Brito, que era uma família de escravizados. Foi aí que tudo começou. (Maria Antônia dos Santos / Piabinha - 51 anos).

A Bernadete veio fazer uma reunião aqui na comunidade, em frente à casa da minha avó, que era de taipa, hoje tá caíndo. Foi embaixo de um pé de algaroba, juntou muita gente. Não sei se dona Eva tava na primeira reunião. Depois veio também a Maria Souto Maior, outra historiadora. Passaram um mês aqui com a gente, fazendo levantamento histórico. Fomos pesquisar nas igrejas de Buíque, Mata Grande e Tacaratu. Teve incêndio em algumas igrejas, muitos documentos foram perdidos. (Maria Antônia dos Santos / Piabinha - 51 anos).

Só em Buíque encontramos registros de 1887 a 1888. Os fazendeiros registravam os filhos no livro da igreja assim: Filho de casal negro: colocavam “negro”; Filho de fazendeiro com negra: colocavam “pardo”; Filho de estupro ou incesto: colocavam “Conceição”. As mulheres negras que não tinham pai registrado ganhavam esse nome. Recebiam um pedacinho de terra pra trabalhar e criar os filhos. (Maria Antônia dos Santos / Piabinha - 51 anos).

Foi feito o relatório histórico da comunidade, enviado pra Palmares. Fizemos o atlas de investigação. No dia 20 de maio de 2014, saiu o autorreconhecimento no Diário Oficial. O processo levou 2 meses e 22 dias. O levantamento histórico levou 3 meses e meio. Tenho tudo digitado, só preciso da autorização delas pra repassar. (Maria Antônia dos Santos / Piabinha - 51 anos).

A família Brito veio de Palmeiras dos Índios, trazida por fazendeiros pra trabalhar. Ficaram aqui na região do Moxotó, trabalhando pra famílias como Malta; Mariquita; Abelarte; Brandão. Eles eram usados até pra acertos de contas entre brancos. Quando brigavam por terra, chamavam os negros pra resolver. Tem uma caverna histórica chamada Puma da Onça. O povo dizia que tinha onça lá, mas era só pra espantar os curiosos. Na verdade, era onde os negros se escondiam. A comunidade antes pegava quase uma parte da cidade. Tinha um posto fiscal, com estacas e corda, que separava os negros dos brancos. Diziam que era posto fiscal, mas era pra dividir território. As terras dadas pros negros eram mais distantes, pra ficarem longe dos “civilizados”. Minha bisavó paterna foi ama de leite do atual gestor da cidade. Minha tia paterna também foi ama de leite. Hoje não existe mais ama de leite, mas o preconceito ainda é grande. Principalmente de quem foi servido por pessoas negras. (Maria Antônia dos Santos/Piabinha - 51 anos).

Meu nome é Antônia Maria dos Santos, mas o povo me chama de Piaba. Sou filha de José Zidório de Brito e Maria Januária de Brito. Sou a mais velha dos irmãos e era eu quem ajudava meu pai a trabalhar pra criar a família. Foi muito sofrido, viu? Sofri demais. Naquele tempo não tinha essas coisas que tem hoje, não. Hoje tem Bolsa Família, tem ajuda pra criar os filhos. Naquele tempo era só enxada mesmo. Mas graças a Deus, fomos criados no serviço, no trabalho, no sofrimento. Quando tinha comida, comia. Quando não tinha, ia pescar. Foi por isso que me botaram esse apelido de Piaba. Porque eu ia pro rio, pescava pra arrumar o pão de cada dia, pra ajudar meu pai a dar comida pros filhos. E até hoje o povo me chama de Piaba. Mas eu fico satisfeita, porque nós nunca demos trabalho pro nosso pai. Nunca pegamos nada dos outros. Foi tudo com trabalho e sofrimento, mas com dignidade. (Maria Antônia dos Santos/Piabinha - 51 anos)

Ser quilombola, pra mim, é tudo. Eu faço porque eu amo. Não é por dinheiro, não. Eu tenho loucura por conhecimento, não por dinheiro. Me sinto feliz demais de estar aqui com vocês. Pra mim, o dia já tá ganho. (Sérgio, 64 anos.)

Olha, o nome daqui era Poço das Antas, por causa do Rio Moxotó. Chamava assim porque as antas vinham, ficavam ali no rio, bebendo água, passeando. Aí o povo começou a chamar Poço das Antas mesmo. Mas depois, com o tempo, o pessoal foi abreviando, sabe? Com coragem, começaram a dizer Poço Dantas. E aí ficou. Ficou Poço Dantas até hoje. Anta mesmo não tem mais não, viu? Teve uma vez que mataram uma lá no Poço Branco, foi no tempo das enchentes. Era uma anta grande, apareceu por lá e o povo matou. Ei, quem é que sabe desenhar uma anta, hein? Porque hoje em dia, só na lembrança mesmo... (Maria Antônia dos Santos/Piabinha - 51 anos)

Olha, eu digo sempre: se eu nego minhas raízes, eu sou uma pessoa morta, sem história. Eu tenho que levar minha história do jeito que ela é, sem vergonha. O passado do meu povo foi sofrido, foi pesado, mas eu tenho é que contar. Contar pro povo saber o que foi, pra não esquecer. A gente é fruto de muita opressão, sim. Fruto de disputa, de estupro, de tudo que os brancos fizeram quando chegaram. Eles vinham pra disputar as negras, né? A gente é fruto disso, de uma sociedade que se sobrepôs, que empurrou a gente pra um lado ou pro outro. A gente é fruto de um cristianismo que puxou, que negou nossa condição de negro. Mas a culpa não é nossa, não. A gente não tem culpa de nossos antepassados terem sido escravizados, tirados à força e jogados aqui. Aqui tem trezentas e vinte famílias que são autorreconhecidas como quilombolas. Tá no papel, sim. Tem uns que vêm só pra se aproveitar, mas a maioria se reconhece mesmo. (Maria Antônia dos Santos/Piabinha - 51 anos)

A gente tem que fazer isso, tem que aparecer no livrinho, sim. Porque eu cuidava dessa cruz e tinha mais dois pra cuidar. Tinha que dar sustento e não tinha comida, não. Era eu mesma, com os pés no alto, difícil demais. Mas eu ia. O pessoal vinha aqui pra rezar, pra cura espiritual. Diziam que faziam fogueira ao redor do cruzeiro, dançavam toré, baixava matéria espírita, caboclo, dançavam com cansação. Diziam que curava, que batia ramo de cansação nas pessoas. Eu não sei, não vi com meus olhos, mas o povo contava. Hoje ainda tem gente que cultua. Vem pessoal de Paulo Afonso, vem grupo de Floresta, que é indígena, e ainda fazem o toré. Foi o pessoal da Patrícia que se juntou, fez uma vaquinha comunitária, construiu uma nova casa pra manter essa tradição. O terreiro foi dado por um tio meu, Luciano, que já é falecido. Quem toma conta lá hoje eu não sei. Mas teve um filho dele que veio de São Paulo por causa dessa questão. (Maria Antônia dos Santos / Piabinha - 51 anos)

A família Silvério é quem tá querendo tomar dos verdadeiros donos. Tem gente que cultua matriz africana, sim. Tem terreiro de umbanda, mas é tudo na base do segredo, porque tem muito preconceito ainda. É mais silencioso, mais escondido. Aqui o que prevalece mesmo são as igrejas evangélicas. Tem Assembleia de Deus, Sociedade Cristã do Brasil, Universal, Mundial... É muita igreja. De terreiro, que eu saiba, só tem esse. De igreja católica, tem duas capelas: Uma é da Sagrada Família, a outra é de Santo Antônio, que é o padroeiro. Se for pra botar no mapa, eu mostro direitinho onde é que fica. (Maria Antônia dos Santos / Piabinha - 51 anos)

O QUE É SER QUILOMBOLA PARA A COMUNIDADE POÇO DANTAS

Figura 5: Desenhos Quilombolas (Foto: Alzeni Tomáz, 2025)



A nossa comunidade aqui foi reconhecida como quilombola, sim. A maior parte do povo tem esse reconhecimento. Se disser que é quilombola, tem direito também. Foi feito um mapa com 560 hectares de terra desse lado de Pernambuco. Do lado de Alagoas ainda não fizeram o mapa, mas a gente tem terra lá também. Essa serra aí tem uns 60 hectares que são pra preservação. As outras áreas são pra trabalhar. A gente foi reconhecido faz uns 14 anos, parece que foi no dia 13 de maio de 2016, se não me engano. Ali tem uma capelinha, sim. E as casas do povo ficam por aqui mesmo. A minha tá ali. Tem casa na Rocinha, na Vilinha, tem muita roça também. (Sérgio José de Brito- 64 anos).

TRADIÇÃO E CULTURA



Figura 6: Mapeamentos do território (Foto: Marcelo Neves, 2025)

Eu sou daqui mesmo. Nasci e me criei aqui. Tenho sessenta e quatro anos. Tem gente mais velha que eu, sim. Mas quando é pra falar nessas coisas, entrevista, palestra, quem fala sou eu. Eu dou palestra na escola, sou coordenador do grupo Guerreiros Pai Zidório, sou cantador de zuela também. (Sérgio, 64 anos)

A gente tem um grupo a zuela. Quem botou esse nome fui eu. Porque é tradição dos negros. Só que tem gente que confunde com curimba. Mas curimba é de terreiro. A zuela é outra coisa. A zuela é o canto que os negros faziam pra não apanhar na colheita. Tinha que cantar, ocupar a boca, senão era chibata. Aqui não tem terreiro, não. Mas tem zuela, sim. Tem dança também. Os instrumentos são do maracatu. Tem tambor, alfaia, tem uma série de coisas. A gente faz capoeira também. Eu sou conhecido em boa parte do Brasil, já fui pra Recife, Maceió. (Sérgio, 64 anos)

Eu canto zuela, mas a zuela que eu canto é minha, é de minha autoria. Não pego dos outros, não. Os cantos são meus mesmos. Agora, deixa eu contar um pedaço da minha história pra vocês. Eu peço, pelo amor de Deus, que não pensem besteira, que não botem isso na cabeça. Porque eu já fui uma pessoa que planejou a própria morte, de tanto sofrimento que eu passei. Era assim: se eu fazia uma coisa, apanhava. Se não fazia, apanhava também. Chegou uma hora que eu disse: “Quer saber? Pra acabar com esse sofrimento, eu vou morrer.” Mas eu queria uma morte que não fosse tão sofrida, porque eu já tinha sofrido demais. Pensei em pular de um lugar alto. Minha irmã viu. Porque quando a pessoa tá assim, ela fala só. Parece que tem um monte de gente, mas é só ela. Ela disse: “Pare com essa loucura. Quando eu receber meu pagamento, vou te dar um dinheiro pra você ir embora daqui.” Aí eu fui indo, fui indo... e parei. Graças a Deus, me libertei. (Sérgio, 64 anos)

Porque quando a pessoa diz “tô com depressão”, não tem doença pior. Eu bebia nos matos, comia fruta de quipá, bebia água do rio, só pra não ir pra casa. Tinha vez que eu tava com os outros, e se eles achassem graça de uma coisa e eu não achasse, eu apanhava. Se não risse da brincadeira, era cacete. Não tinha pra onde ir. Depois, meus irmãos foram pra São Paulo, e minha mãe ficou de passamento. Eu pensei: “Quando eu sair, vão soltar fogos, porque não gostam de mim.” Minha mãe disse: “Não diga isso nem de brincadeira. Se você sair, eu morro.” Eu fiquei: “Oxente, como é isso?” Tudo que eu fazia era pra apanhar. Mas depois, passou. Hoje parece que sou até o filho mais querido da casa. Tudo que acontecia era com minha mãe. Fiquei: “Oxente, como é isso?” E hoje eu tô aqui e posso dizer: sou feliz demais. Acho que não tem ninguém no mundo mais feliz do que eu. Então, eu peço pra vocês: não pensem besteira, não entrem nessa. (Sérgio, 64 anos).



Figura 7: Escola, abastecimento de água e medidor monitorado por Dona Piaba (foto: Carla Barros, 2025)



Os lugares que eu mais frequento é a roça, que é perto de casa e o poço aqui da comunidade onde a gente toma banho quando tem água. Aqui na comunidade, às vezes tem umas festas, tipo São João ou Dia das Mães, mas é tudo bem simples, só entre o pessoal daqui mesmo. Não tem igreja aqui, mas o pessoal tem religião, tem uns que são evangélicos, outros são católicos e tem gente também de religião africana. Sobre os serviços, só tem escola. Posto de saúde mesmo, só em Inajá, Pernambuco. Se alguém estiver passando mal de verdade, tem que ir pra lá. Aqui não tem ambulância, mas dá pra chamar a de Inajá. Só que às vezes demora... já teve gente que morreu esperando, ali num canto, bem cedo. (Izrael, 16 anos)

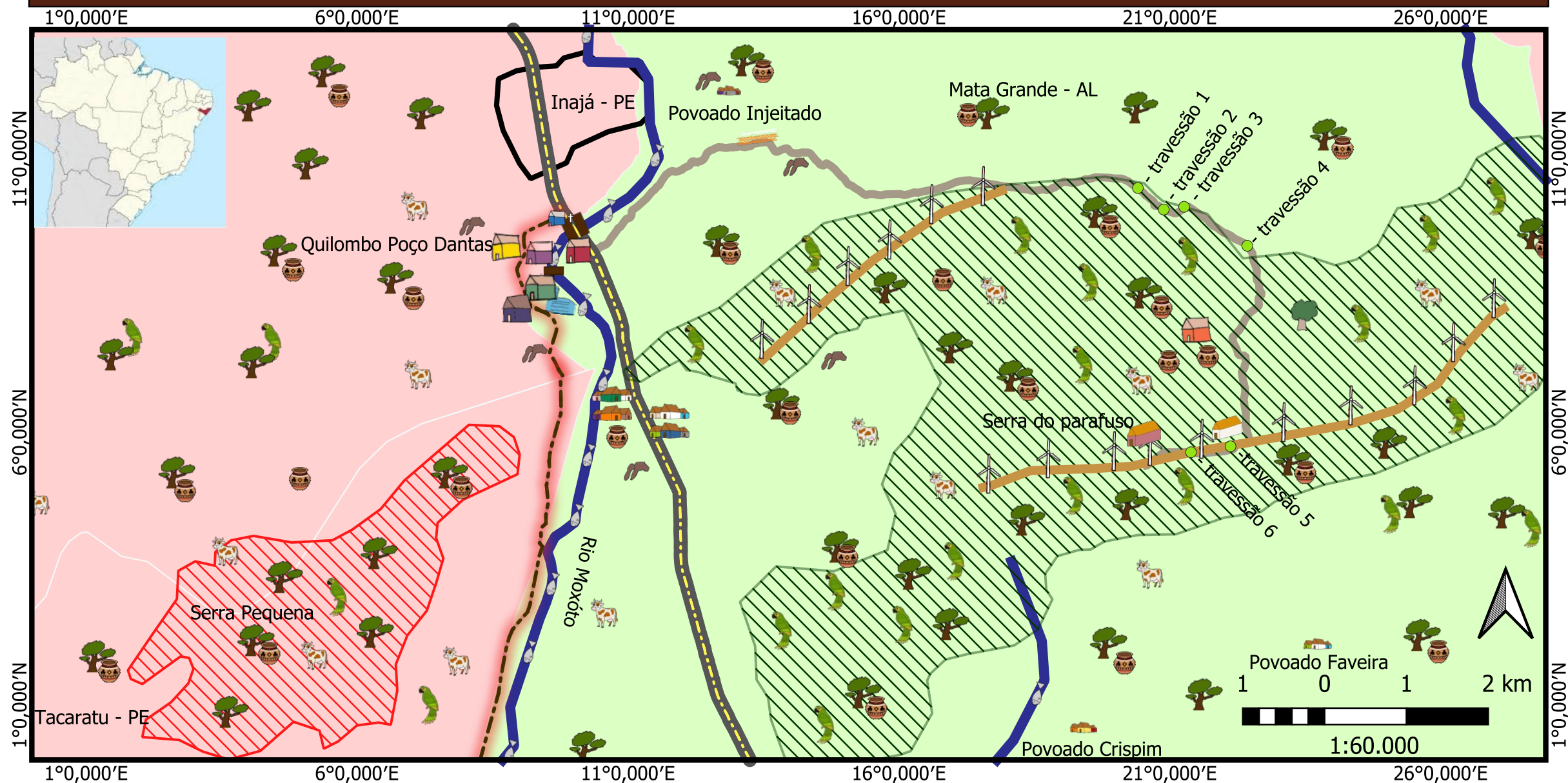
Aqui na comunidade tem umas 45 casas no total. Tem umas na beira da pista, outras mais pra dentro, e umas lá em cima também. Eu estudo na escola Antônio Guilherme, lá na rua. Aqui mesmo só tem aula à noite, no EJA. Tem bastante gente estudando à noite. A gente brinca de tudo um pouco: joga bola, capoeira, troca bala, joga peteca um no outro. Tem bola de barro, de pedra... quando acerta no peito do outro, já dá confusão.

A gente também brinca com mamona, lá em casa tem dois pés, mas o que a gente mais faz é jogar bola. Inclusive machuquei meu pé, o dedo aqui. Fui chutar a bola e tinha uma pedra no meio, o dedo saiu do lugar rapidinho. Foi uma dor da gota. Fiquei uns dias deitado, só de papo pro ar. Não engessei não, só cuidando mesmo. Estudo em tempo integral, das 7:30 até as 5 da tarde. Mesmo assim, quando chego da escola ainda dá pra ajudar um pouco na roça perto de casa. O pessoal aqui planta bastante: milho, feijão, melancia, macaxeira, feijão de corda. A terra é boa pra isso. Lá na roça é ótimo pra mandioca, pra fazer farinha, mas a casa de farinha caiu faz tempo, não tem mais. Às vezes o pessoal compra a mandioca pra fazer farinha, e meu tio tem uma casa de farinha na serra, de vez em quando a gente leva pra lá. Sobre a capoeira, tem professora, sim, é minha prima. Muita gente participa, criança e adulto. Antes, em 2021 e 2022, chegava a ter mais de 60 crianças. Mas aí o povo foi casando, mudando de canto... agora tem só uns 20. Tenho 16 anos. (Izrael, 16 anos.)

Olhe, esse doce (brigadeiro de murici) que vocês comeram, colocaram na boca. Esse daí é, é erva medicinal. Agora, só que eu, vendo o murici, mas tem horas que eu nem fico falando, né? Porque se eu falar, diz que eu tô falando é para vender o produto dele. Mas não é, qualquer um de vocês pode pesquisar. Pode pesquisar. Que se por acaso vocês soubessem a riqueza que o murici traz, vocês quando vissem a gente com o pacotinho disso, vocês iam estar correndo atrás porque é uma planta muito valiosa. (Sérgio, 64 anos).



NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA COMUNIDADE QUILOMBOLA POÇO DANTAS



Identidade e Cultura

- Família Brito
- Família Ferreira
- Família Pereira
- Família Nascimento
- Família Barbosa
- Casa do Arivaldo
- Roçados
- Escola
- Barragem
- Ponte
- Casa de Farinha 1

- Casa de Farinha 2
- Potes
- Pau ferro
- Poço
- Travações

Natureza

- Peixes
- Vegetação
- Bichos
- Araras

Comunidades

- Poço Branco

Legenda

- Povoado Injeitado
- Povoado Faveira
- Povoado Crispim

Conflito

- Torres Eólicas
- Torre de Teste Desmontada
- Local de Instalação das torres

Serras

- Serra do Parafuso
- Serra Pequena

Convenções

- PE 375

- BR 316
- Acesso Até a Serra
- Rio Moxoto

Municípios

- Inajá

Estados

- AL
- PE

Fontes Cartográficas

Sistema de Coodernadas Geograficas
base cartografica:

Croqui da Comunidade Quilonbola Poço Dantas

IBGE 2020/ DNIT

Sirgas 2000 Qgis 3.44

Escala: 1:60.000

Realização: Nova Cartografia Social

Cartografia: Alzení de Freitas Tomáz; Wesley

Maxwell da Silva Damasceno; Dheymison

Kayky Alves Nascimento.

A FORÇA NA SERRA DO PARAFUSO

AS SERRAS PARA NÓS SÃO ROÇAS DE SOBREVIVÊNCIA



Figura 8: Paisagem da Serra do Parafuso - Mata Grande/AL (foto: Alzeni Tomáz, 2025)



Figura 9: Serra do Parafuso, moradias, roças e produção (foto: Alzeni Tomáz, 2025)

Essas serras, pra mim, significam tudo. É delas que eu tiro meu sustento. Vou pra serra, pra roça, arrumo a lavoura. Nas matas, pego um préa, um passarinho pra dar de comer pros meus filhos. Às vezes até vendo. Então, pra mim, essas serras são riquezas. (Sérgio, 64 anos)

Olha, essa serra aí a gente chama de Serra Grande, mas lá no meio tem um pedaço que a gente chama de Serrinha, é onde a gente costumava trabalhar. Só que agora tá mais como área de lazer, ninguém tá quase trabalhando. Só é mais para ir se divertir. Porque lá era circo do governo, tem uma cerca que se chama Travessão do Governo. Aí então, o pessoal vai atrás do governo, vai pegando outras pessoas sem que elas se importem. Aí tá aí, e a água tá sendo destruída, a cerca. (Sérgio, 64 anos)

Aí o pessoal não quer ir colaborar com a família. A água tá lá aberta. Aí então, às vezes os bichos vão entrar pra lá, tem muitas pessoas que judiam daqueles animais. Inclusive até eu mesmo tô sendo muito prejudicado com isso. Até o ano passado, meu bode foi pra lá, teve um cara aqui que quis que eu pagasse 10 mil da roça dele. (Sérgio José de Brito- 64 anos).

O pessoal que tava aqui viu eu cantar e falar da Serra do Parafuso, falar de Montevideú. Montevideu era onde meus tios se escondiam. Porque quando vinha a força, era pra pegar os negros e levar pra polícia. Eles eram negros mesmo, negros e marrons. Aí corriam pra não serem levados. Iam pra essa Serra, pra um lugar chamado Montevideú, onde meus pais, meus avôs, o bisavô de Erivaldo, tudo vivia lá. Esse lugar é lá na Serra do Parafuso. (Sérgio, 64 anos)

Falar do passado dói. Dizem que viver o passado é sofrer duas vezes. Mesmo quem não viveu sente. Hoje a gente vive da agricultura familiar. Plantamos feijão, milho, macaxeira e o que mais dá aqui é o murici. Eu mesma faço: Licor de murici; Doce; Farofa de murici. A farofa só presta se for feita no pilão, com rapadura. Mas hoje tá difícil achar pilão de pedra, é raro. A gente tinha uma casa de farinha, mas hoje não tem mais. Tô tentando, com ajuda dos amigos de Pernambuco, conseguir uma nova pra comunidade. Se a gente trabalha numa casa de farinha, é mais pro dono da casa. Tem também: Feijoada, que era comida negra, mas hoje os brancos se apossaram; Licores; Iguarias tradicionais. Remédios e cultura: Eu mantenho a tradição dos remédios caseiros, suco de ervas. Participo de feiras orgânicas, levo os alimentos e a cultura da comunidade. (Maria Antônia dos Santos / Piabinha - 51 anos)





Figura 10: Erivaldo Nascimento (Quilombola) na Serra do Parafuso - casa de farinha, potes de captação de água (foto: Alzeni Tomáz, 2025)



Figura 11: Árvore sagrada da comunidade, o Pau Ferro (foto: Marcelo Neves, 2025)

CONFLITOS E ESSA HISTÓRIA DE EÓLICAS?

Agora esse negócio das eólicas, já ouvi falar umas sete vezes. E eu digo, olha, eu sempre vi meus pais, os mais velhos, dizendo que quando a pessoa se aposentava, o dinheiro parecia o dinheiro da besta-fera, que não dava pra nada. Depois veio esse cartão do Bolsa Família, e o povo falava a mesma coisa. Agora apareceu esse negócio dessas torres. Teve um dia que eu tava na minha roça, chegou um amigo e disse: “Ainda bem que você veio, que é pra medir.” Aí fomos medir. Quando foi mais tarde, chegou um sujeito e disse: Aqui pra vocês vai ficar só a água e uma estrada. Eu disse: Beleza. Mas já perfuraram três poços aqui e não deu água. Só com a gente que dá. Aí eu falei: “Olha, amigo, quando o governo quer fazer uma coisa, ele faz.” Ele respondeu: Essa firma não tem nada a ver com o governo. Disse que o dono da firma é tão rico que pra ele não existe Deus, só dinheiro e mulher. Aí eu disse: Até logo, fiquem aí com o serviço de vocês. E fui embora. Não medi mais nada. Quando ele falou que Deus não existia, eu disse: Tchau, boa sorte. Não quis mais conversar com esse povo. Era uma empresa que veio falar comigo, sim. E a ideia deles é pegar essas serras todinhas. Mas nós temos terra lá na serra mesmo, na Serrinha. Quando ouvi ele dizer aquilo de Deus, eu disse: Chegou minha hora, já vou embora. (Sérgio José de Brito - 64 anos).



Figura 12: Torres anemométricas de estudo dos ventos (foto: Alzeni Tomáz, 2025)

Ouvi dizer, é história de segundo, que tem gente assinando o papel sem entender o que é. Tá sendo enganada e nem sabe. (Eva, 68)

Teve alguns vizinhos que já assinaram. Que estão esperando receber o dinheiro (Magna, 23)

Muita gente é, não veio, e acaba sendo enganado pela sua própria ignorância né? Até porque se entendesse, conversasse um pouco, seria melhor, ou seria bom para eles, né? (Magna 23).

E aí você perde o acesso a sua própria terra (Magna, 23).

É uma coisa que promete, quando promete lá numa altura alta e quando vai chegar, é uma coisa bem embaixo e por onde passa é já destruindo algumas coisas. (Sérgio, 64).

Eu consegui tirar uma foto do contrato escondido, porque eles não deixam uma cópia com o povo. Bota pra assinar e leva com eles, as pessoas não ficam com nada. Tirei uma foto escondida, porque até o povo fica com medo. O rapaz da Casa dos Ventos que é essa empresa eólica que está aí avisou o povo que ia entregar os títulos de terras da Serra do Parafuso, e mandou avisar pra todo mundo, o povo foi, mas pra assinar esses contratos. Ora, quem tem que entregar os títulos de terra, né o INCRA? Eles enganam todo mundo (Erivaldo, 30).

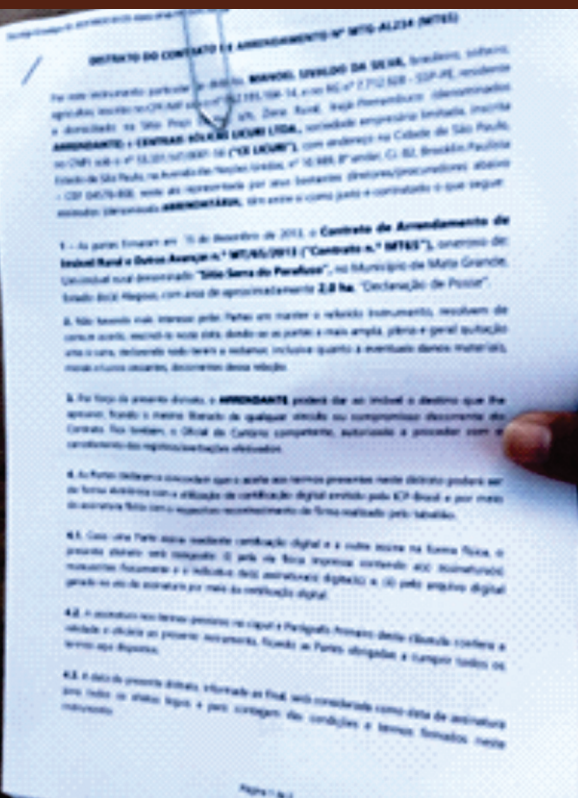


Figura 13: Contratos obscuros realizado por funcionários da Casa dos Ventos fazem moradores assinarem, sem clareza e se quer deixam cópia com as pessoas (foto: arquivo SABEH, 2025)

A VIDA, A ZUELA E OS PRECONCEITOS

Esse negócio de preconceito, com a gente, não tem mais não. O que tem hoje é inveja. É isso que tá existindo. Pode passar uma menina negra aí, pode passar uma branca e uma negra. Se a negra passar, sempre tem alguém que vai dizer alguma coisa. Mas eu digo logo: não pense nisso com pena, não. Receba como elogio, porque se tão falando, é porque têm inveja de vocês. É inveja do cabelo, é inveja do corpo, é inveja das partes íntimas. Vão dizer: "Olha como essa menina é." É assim que a gente vive hoje. (Sérgio, 64 anos).

E eu digo mais: hoje nós estamos felizes demais, porque antes a gente nem entrava numa sala de dança. Não podia dançar junto, não. Lá em Inajá, tinha muita festa, mas se a gente chegasse, era barrado na porta. Tinha a festa dos brancos num canto e a dos negros noutro. Quando dava meia-noite, a festa dos brancos já tava fraca, aí eles corriam pra nossa. Aí o cacete rodava. Rodava mesmo, porque eles queriam levar nossas amigas, e a gente não deixava. Era briga. Mas hoje, graças a Deus, tá tudo mais moderno. E essa zuela que eu canto é tradição dos negros, viu? Era pra cantar, pra ocupar a boca, porque se ficasse calado, ia pra chibata. (Sérgio, 64 anos.)

Eles diziam que a gente estava comendo os frutos. Mesmo que não tivesse, só de estar na colheita de algodão, diziam que tava comendo agazura do algodão. Aí era chibata. Minha história é mais ou menos assim. Agora eu vou cantar uma das primeiras zuelas que eu fiz. Essa zuela não é curimba, não. Tem gente que canta em terreiro, mas essa aqui é desafio. Foi uma negra que fez esse desafio pros brancos, viu? (Sérgio, 64 anos.)

*O balaio das negras tem segredos só pra se ver
O balaio das negras tem segredos só pra se ver
Mas quando as negras sacode a saia cai azeite de dendê
Mas quando as negras sacode a saia cai azeite de dendê
O balaio das negras tem segredos só pra se ver
Mas quando as negras sacode a saia cai azeite de dendê
Mas quando as negras sacode a saia cai azeite de dendê
Essa cantiga não é curimba nem zuela é desabafo de uma negra (Sérgio, 64 anos).*

Já andei em terreiro, sim. Mas quando eu era jovem, não tinha muito disso, não. Hoje eu canto zuela, mas se alguém pedir pra cantar curimba, eu canto também. Só a pessoa querer. Quer ouvir agora? É assim:

*Mas se você nunca viu nada
Quanto mais cedo você for ao Maranhão
Mais lá tem negro que trabalha na macumba
Eu desmancho com meu cinto Salomão
Mas se você nunca viu nada
Quanto mais cedo você for ao Maranhão
Mais lá tem negro que trabalha na macumba
Eu desmancho com meu cinto Salomão
Essa é uma Curimba muito da pesada (Sérgio, 64)*

Isso aí é só pra vocês verem que **tem diferença**, viu? Muito bem. Muito bem. Agora vou cantar uma zuela:

Urubu de Serra Negra
De velho caiu a pena
Os negros africanos vão parar na beira mar
Urubu de Serra Negra voou voou
No Pau Ferrão ele parou
a falta de alimentação
Oh meu Deus no Pau Ferrão ele encontrou
graças a Deus ele encontrou
Não mexa no Pau Ferrão
Tem morador
Oxossi é caçador
Oxossi é morador
Se mexer no Pau Ferrão
Vai mexer com o besouro mangangá
Vai levar pedrada
Vai sair de cara quebrada

O MODO DE VIVER E O RIO MOXOTÓ



Figura 14: Passagem do Rio Moxotó, principal fonte de renda das famílias quando era perene (foto: Alzeni Tomáz, 2025)

O Rio Moxotó, antes, era minha fonte de renda. Foi ele que me ajudou a criar meus filhos. Sou separado, criei sete filhos. E foi o rio que me ajudou. Eu pescava, vendia. Hoje, o rio tá seco, mas ainda tem gente que me deve. Porque eu fazia porta a porta. O povo dizia: “Hoje não tenho dinheiro.” Eu dizia: “Fica com o peixe.” Tem uns que até viram as costas quando me veem. Mas eu não cobro, não. Se quiser pagar, paga. Se não quiser... Criei meus sete filhos. Quatro já estão formados, dois ainda estão estudando. Graças a Deus, pra mim é só alegria. (Sérgio, 64)

A gente vivia do Rio Moxotó, sim. Eu pescava, meu pai também, quando podia. Minha mãe tratava o peixe, eu botava uma parte no fogo e o resto eu ia vender. Botava a baciinha na cabeça e ia pra cidade. Tinha uma ladeira que dava pra ver a cidade, e o povo dizia: “Lá vem Antônia Piaba! Lá vem Antônia Piaba!” Aí eu chegava e dizia: “Vim matar a fome de vocês, que a minha já matei!” O povo comprava. Quando não tinha dinheiro, me dava feijão, farinha, arroz, café. Eu dizia: “Eu troco por alimento.” E trocava mesmo. Tinha vez que quem ia me encontrar era Sérgio, mas ele era o caçula. Os mais velhos vinham me ajudar, minha mãe também. Porque eu trazia muita coisa, não dava pra carregar tudo. Meu objetivo era fumo. Eu dizia: “Faço tudo, mas me dê um pacote de fumo pra levar pro meu pai.” Ele fumava Super Bom, fumava cigarro. Ou então aquele fumo de corda que vinha de Arapiraca. O povo me dava, e eu levava. Posso dizer com todas as letras: sofri muito. Mas hoje, mesmo com os problemas, tô satisfeita. Criei meus irmãos, criei minha família. Fiquei viúva, foi outra batalha. Mas criei meus filhos também. Graças a Deus. (Maria Antônia dos Santos, 51)



Figura 15: Modo de viver e tecnologia de captação de água de chuva através das folhagens das plantas (foto: Alzeni Tomáz, 2025)

Quando foi se acabando a pescaria, aí foram todos vivendo das Serras, plantando, criando, os potes debaixo dos ouricuri são pra ajuntar água pro povo e pros bichos. Aí o povo planta, sai daqui e vai pras serras, hoje a sobrevivência é lá. Planta umas rocinhas e vão escapando (Dona Piaba, 75).

A gente pega os potes e coloca embaixo do ouricuri para apapar água no inverno, e servir pra gente e os animais beberem (Givaldo, 29).

A gente planta nas serras porque é mais frio para a colheita. Aqui a gente bota os travessões para o gado não passar. Que nós aqui criamos um pouco de gado. De um lado gado, do outro roça (Erivaldo, 30).

A TRADIÇÃO DOS GUERREIROS PAI IZIDORO





Figura 16: Grupo Guerreiros de Pai Izidoro: capoeira e dança
(fotos: Bruno Lima e Wesley Damasceno, 2025)

Sobre o grupo, o Guerreiros Pai Izidoro, foi assim: A gente tava treinando, aí à noite, Cristiane e Jorge, que eram coordenadores, disseram: “Tio Sérgio, queremos botar o nome no grupo.” Aí eu disse: “Vamos botar Guerreiros do Moxotó.” Eles disseram: “Nome bonito.” Depois eu disse: “Vamos botar Guerreiros das Oliveiras.” Eles disseram: “Beleza.” Aí veio na minha mente: “Peraí, deixa eu dar um cochilo... um cochilinho aqui...” (Sérgio, 64)

Rapaz, eu me deitei, e com uns cinco minutos veio na minha mente: Guerreiros Pai Izidoro. Quando eu falei esse nome, todo mundo disse: “Pronto, é isso!” Aí ficou. Ficou Guerreiros Pai Izidório. E logo depois veio o hino também. Aí encaixou tudo certinho. (Sérgio, 64)

O hino em zuela é assim, ó:

*Lá vem vovô Izidoro, descendo a ladeira
Ele vem de Angola, de Angola ele vem
Eu quero ver, vovô
Eu quero ver, vovô
Eu quero ver é os quilombolas vencer
Atravessei o mar a nado
Por cima de dois navios
Pra visitar os quilombos
Os quilombos do Brasil*

Desde esse dia, por onde a gente passa, é Guerreiros Pai Izidoro. Pai Izidoro era meu tataravô, viu? A história dele é longa. Ele veio de Angola, parou em Alagoas, e de lá foi se espalhando. Foi se juntando com a família Nascimento, com os Paulo, com os Brito. E foi crescendo. Hoje, eu digo: a família Brito é uma das maiores do Brasil. E eu sou cantador de zuela por causa disso. Porque cada dança que a gente faz, eu crio uma zuela diferente. Vem na mente, eu crio na hora. É tudo de minha autoria. Tem zuela da serra, tem do rio, tem até parecida com Toré. Se é samba de coco, eu canto sobre isso. Se é da serra, eu canto a zuela ssim:

*Querem acabar com a Serra do Parafuso
Eu não sei por quê
Mas pode ficare sabendo (bis)
Que Jesus Cristo é muito mais
Querem acabar com Montevidéu
Mas vocês não sabem
Que lá era o esconderijo de José Rosa e do
meu pai Izidoro
Tanto que eu queria visitar Montevidéu
Mas minhas pernas já não dá
Minha vista também
Mas querer não é poder*

Tem coisa que não tá em livro, não tá em computador. Essas histórias antigas, só quem viveu sabe. Por isso que eu faço palestra nas escolas, faço apresentação. O povo pergunta: “Acabou o preconceito?” Eu digo: acabou uma parte, mas nunca vai acabar tudo. Hoje o que tem é inveja. (Sérgio, 64)



Figura 17: Maria Antônio dos Santos na práticas de tear. (foto: Bruno Lima, 2025)

Sim, celebramos duas datas importantes na comunidade: o dia de Nossa Senhora Aparecida, em 12 de outubro, e o dia de São Malunguinho, em 19 de novembro. No dia de Malunguinho, organizamos um almoço comunitário com participação de várias comunidades, montamos barraquinhas e promovemos apresentações culturais. Já no dia de Nossa Senhora Aparecida, as crianças fazem uma viagem comemorativa à cidade, e também realizamos atividades culturais, como apresentações de grupos locais, coroação e participação de professores, discípulos, secretárias e associações. Nem sempre conseguimos realizar tudo como planejado, mas a prefeitura costuma apoiar, em respeito à nossa comunidade. (Maria Antônio dos Santos, 51).

As reuniões da associação acontecem apenas quando há eventos importantes. Informações menores eu compartilho pelo grupo da comunidade. Às vezes passamos mais de um mês sem reunião presencial, mas quando o assunto é sério, como vacinação, saúde ou educação, nos reunimos aqui. Desde a pandemia, a participação presencial diminuiu bastante, então também realizamos encontros online. Não temos festas típicas além dessas duas datas, que usamos para socializar. Preparamos um almoço e convidamos as pessoas para estarem conosco. O dia de Malunguinho, que comemoramos em 19 de novembro, coincide com o mês da Consciência Negra, embora a data oficial seja dia 20. (Maria Antônia dos Santos, 51)

Quanto à religião, há diversidade: temos católicos, umbandistas, evangélicos e até uma pequena parte de ateus. Embora haja muitos vaqueiros na comunidade, não realizamos vaquejadas. Evitamos o consumo de bebida alcoólica, pois somos uma comunidade registrada e reconhecida pela Fundação Palmares como patrimônio federal. Na educação, temos apenas uma escola funcionando com o EJA Campo. As crianças estudam no município, já que a escola daqui é estadual e atende apenas o EJA. O município não mantém mais escola na comunidade. Temos energia e água, ambas fornecidas pela prefeitura. A energia foi instalada para bombear a água do poço e distribuí-la. Houve um tempo em que a comunidade se reunia para pagar a energia da escola e do poço. (Maria Antônia dos Santos, 51)

O governo desenvolve projetos específicos na área da educação. Quando um aluno se declara quilombola, ele tem direito a apoio. Atualmente, temos 12 alunos em universidades federais com bolsa integral, sendo três deles estudantes de Medicina. Eles nos enviam boletins a cada seis meses. Após a matrícula, a faculdade envia um documento para a comunidade, e nós, da liderança, assinamos o reconhecimento quilombola do aluno. A principal atividade econômica da comunidade é a agricultura e a criação de animais. Algumas pessoas saem em busca de oportunidades fora, mas a base aqui é o campo. (Maria Antônia dos Santos, 51).

Figura 18: Práticas de entrelaçamento de rede de pescar (foto: Alzeni Tomáz, 2025)



Eu vivo do artesanato, é o que me sustenta e me conecta com minhas raízes. Trabalho com sementes que eu mesma recolho: melancia, açaí, e tantas outras. Depois de colher, deixo secar, furo uma a uma e transformo em colares. É um processo demorado, exige paciência, mas cada peça carrega uma história. Tem colar que nasceu do mar, porque a semente se encantou com a água, e eu dei forma a esse encanto. Não aprendi aqui na comunidade. Minha vontade me levou até Recife, onde participei de um curso. Fui a única da minha região. Lá ensinaram como tratar e preparar as sementes. Voltei com o conhecimento, mas não repassei. Ainda assim, outros daqui também criam: bonecas, pinturas em telha, desenhos. A arte se espalha de diferentes maneiras (Maria Antônia dos Santos, 51)

Além das sementes, faço flores artesanais. Corto, preno, monto arranjos e também trabalho com resina. Tudo é feito por minhas mãos. No tear, aprendi com uma amiga que cultivava algodão, produzia o fio e tecia sem depender de linha industrial. Hoje, sou eu quem continua essa prática. Cada objeto é fruto de aproveitamento. Se vejo possibilidade, transformo. Tenho uma bolsa que comecei há tempos e ainda não conclui. Antes, vendíamos na Casa da Cultura, mas ela fechou. Restaram os festivais, onde nossas peças ainda aparecem. Parte dos materiais vem da própria comunidade, outros de Carpina, que fica a mais de cem quilômetros. Recife está ainda mais distante. (Maria Antônia dos Santos, 51)

As vendas acontecem em eventos, principalmente em novembro. É quando cele-bramos o Dia de Malunguinho, no dia 19. Tenho uma propriedade onde estou criando um parque sagrado em sua memória. Ali plantei um iroco com o nome dele e um baobá chamado Ação. São símbolos da ancestralidade africana. Descobri também que o murici é sagrado, e já está presente nesse espaço. O murici, antes pouco valorizado, era alimento de resistência. Os negros faziam farofa, aproveitavam restos de pão, massas das casas de farinha, até a broca da mandioca. Secavam, pisavam e transformavam em farinha para sobreviver. (Maria Antônia dos Santos, 51 anos)

Na festa, a comunidade aparece, mas só se mobiliza de verdade quando há distribuição de cesta básica. Para o trabalho coletivo, muitos se afastam. Há medo de se declarar, de perder benefícios, ou de enfrentar ameaças vindas de fora, de quem detém poder. O parque é aberto, criado para mostrar a força da cultura afro. Quero trazer mais plantas nativas africanas: já temos baobá, iroco, murici, e a jaca está encomendada. Cada espécie carrega memória. Faço faculdade de História, mas busco a que não foi contada. O parque fica no terreno da minha família. Nas festividades, plantamos mudas e quem participa pode dedicar a árvore a alguém que já partiu. É um gesto sagrado, de lembrança e continuidade. As plantas representam nossa realidade. Seria importante que esse parque fosse reconhecido no mapa como ponto sagrado. Porque ele é mais que espaço físico: é raiz, memória e resistência. (Maria Antônia dos Santos, 51)



Figura 19: Dona Antônio Maria, conhecida como Dona Piaba, anciã do Quilombo Poço Dantas
(foto: Bruno Lima, 2025)



CONTATOS

Associação Remanescente Quilombola Poço Dantas

(87) 99911-5050.

E-mail: quilombopocodantasinaja.pe@gmail.com

***SABEH - Sociedade Brasileira de Ecologia Humana -
Projeto Nova Cartografia Social da Bacia do rio São
Francisco***

E-mail: contato.sabeh@gmail.com

Coletivo Assessoria Cirandas

*E-mails: cirandas@assessoriacirandas.org
coletivocirandas@gmail.com*

***Associação de Mulheres Rurais do Semiárido
Alagoano (AMRSA)***

E-mail: guerreirasdosemiarido@gmail.com

***Grupo de Pesquisa sobre Gênero, Trabalho e
Territórios - GENTTES (UFAL - Campus do Sertão)***

E-mail: genttes.ufal@gmail.com





Realização/Apoio

